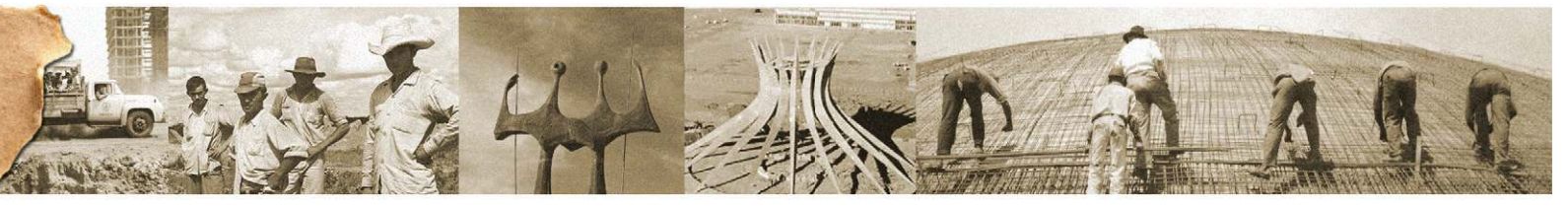


**Pioneiros do futuro
— uma saga brasiliense**



Enquanto na 308 Sul, o modelo do projeto urbanístico de Lúcio Costa une educação, lazer e convivência em um mesmo espaço, na 312 Norte, quem veio para a capital do país encontra a vida interiorana, com um cotidiano que resiste ao tempo

A Brasília que acontece **entre quadras**

» PAULO GONTIJO

Brasília não nasceu com lembranças, elas foram sendo construídas, pouco a pouco, nos corredores dos blocos, nas sombras dos pilotis e na busca de uma cidade dos sonhos. No aniversário da capital, é nas superquadras que essa memória ganha forma mais nítida. E poucas contam essa história tão bem quanto a 308 Sul e 312 Norte, duas faces de uma mesma cidade: uma feita de ideias que resistem ao tempo, enquanto a outra de encontros.

A 308 Sul também está impressa no próprio desenho da quadra. Inaugurada oficialmente em 1962, a superquadra é considerada o exemplo mais fiel do projeto urbanístico de Lúcio Costa, uma espécie de resumo do que Brasília sonhou ser.

Conhecida como “quadra modelo”, a 308 Sul integra o conceito de unidade de vizinhança, pensado para reunir moradia, educação, lazer e convivência em um mesmo espaço. Ao lado das quadras vizinhas, forma um conjunto onde tudo foi planejado para funcionar em escala humana.

Ali, os edifícios não são protagonistas, são pano de fundo. Entre eles, o verde se impõe, e os azulejos de Athos Bulcão dão identidade aos espaços.

Para o prefeito da quadra, Mathews Seco, arquiteto de formação, viver na 308 Sul é experimentar, na prática, um conceito que atravessou décadas. “A ideia do chão livre permite que as pessoas circulem sem barreiras. É um espaço fluido, pensado para ser público”, explica.

Mais do que arquitetura, ele destaca a permanência de um modo de vida. “O espírito de vizinhança existe. As pessoas usam os espaços, as crianças vão para a escola a pé, o comércio está próximo. É uma vida que ainda funciona como foi imaginada”, afirma.

A quadra também se destaca pelo nível de preservação. Grande parte do projeto original segue intacto, resultado de um esforço coletivo entre moradores e instituições. “Existe uma consciência de que isso aqui é patrimônio. Não só de quem mora, mas da cidade e até do país”, diz.

Ao caminhar pela 308 Sul, não é raro encontrar visitantes, brasileiros e estrangeiros, interessados em ver de perto o que tornou Brasília um marco da arquitetura moderna. Mas, para quem vive ali, o valor vai além do reconhecimento. Está no cotidiano.

“Essa quadra foi pensada para as pessoas. E, de certa forma, ainda funciona assim”, resume o prefeito.

A 312 Norte

A quadra 312 Norte, considerada a mais antiga da Asa, foi ocupada em 1966, quando Brasília ainda era uma promessa. Cercada por terra vermelha, começava a receber seus primeiros moradores em edifícios que, para

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Laguinho das carpas completa o ambiente bucólico da 308 Sul

Paulo Gontijo / CB



Gabriela encontrou um pedaço da cidade natal na quadra

a época, pareciam imensos. Blocos com até 96 apartamentos surgiam como ilhas de concreto em meio a um território em formação, desenhando o início de uma comunidade.

Com 11 blocos residenciais e uma comercial que atravessa o cotidiano de quem mora, trabalha ou apenas passa por ali, a quadra cresceu com a cidade. Foi se transformando em algo que vai além de um endereço.

Para quem chega hoje, essa história ainda é perceptível, mesmo que de forma sutil. A pesquisadora Gabriela Madureira, de 34 anos, mudou-se em outubro de 2025 para a quadra e encontrou ali um ritmo que contrasta com a ideia comum de uma capital acelerada. “A gente veio de uma cidade do interior de Minas Gerais e achou que sentiria muito o impacto. Mas aqui não. É tranquilo, arborizado... tem esse clima de cidade pequena”, conta.

A escolha pela região foi prática, mas o vínculo veio rápido. “A gente olhou vários lugares, mas aqui chamou atenção. É tudo muito organizado. No começo parece confuso, mas depois você percebe que tudo faz sentido”, diz, referindo-se ao traçado planejado da cidade.

No dia a dia, a 312 oferece o que muitas metrópoles perderam: tempo e espaço. “Eu consigo passear com meu cachorro, fazer minhas atividades sozinha. É um lugar que passa tranquilidade. E eu gosto de ver as crianças andando, brincando... isso diz muito sobre o lugar”, afirma.

Essa sensação, que para Gabriela é descoberta, para outros é permanência. Morador desde 1979, o advogado Edilberto Mourão, de 69 anos, viu a quadra se transformar, sem deixar de ser, em essência, a mesma. “Aqui sempre teve uma convivência muito parecida com

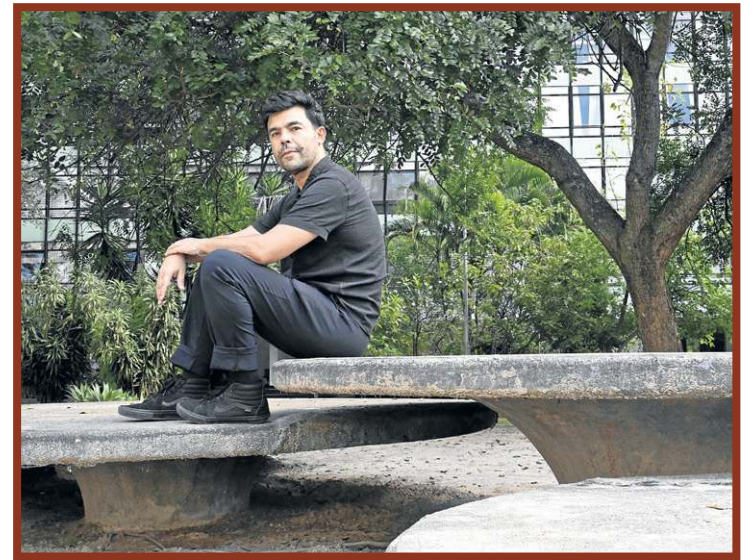
cidade do interior. Muita gente veio de fora, principalmente do Nordeste, e trouxe esse jeito mais próximo de viver. Isso ficou”, relembra.

Ao longo das décadas, ele viu vizinhos chegarem, ficarem, formarem famílias e permanecerem. “Tem gente que casou aqui, teve filho aqui, criou os filhos aqui... e hoje os netos estão fazendo o mesmo caminho. É como se fosse uma grande família”, diz.

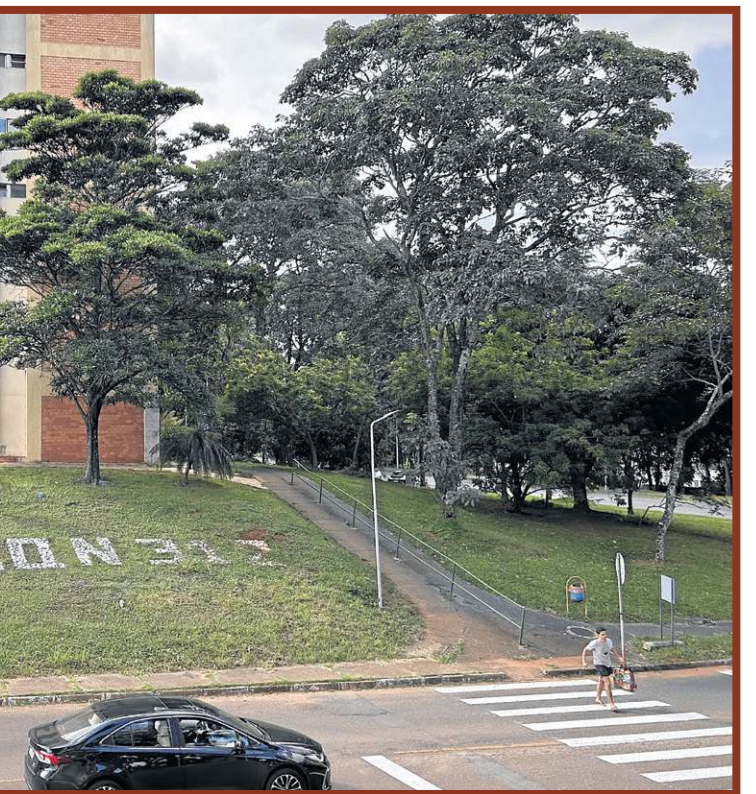
A mudança mais visível, segundo ele, veio com o crescimento da cidade. “Naquela época quase não tinha carro. Hoje é difícil achar vaga na quadra. A segurança também mudou. Mas a convivência, de certa forma, ainda resiste”, avalia.

Mais do que transformação urbana, o que a 312 guarda é um tipo de pertencimento difícil de explicar. “Minhas raízes estão aqui. Minha história está aqui”, resume.

Carlos Vieira/CB/D.A. Press



“Essa quadra foi pensada para as pessoas”, diz o prefeito da 308 Sul



A mais antiga da Asa Norte é cenário de passeio e encontros entre os moradores

Um olhar especializado

A lógica por trás dessa experiência cotidiana ajuda a explicar por que as superquadras ainda despertam pertencimento. Para o urbanista Ricardo Meira, Brasília representa uma das expressões mais completas do urbanismo moderno. “A superquadra não foi uma invenção do zero. Ela parte da ideia de unidade de vizinhança, mas a reconfigura para conciliar a escala monumental da cidade com uma escala mais íntima, do cotidiano”, explica.

O grande diferencial está no desenho que induz a convivência. “Ao implantar os blocos em projeções e manter os pilotis livres, cada superquadra se transforma em um espaço público contínuo. Isso incentiva a interação social e cria uma experiência coletiva do morar”, afirma.

É nas superquadras que Brasília revela sua dimensão mais humana. “É aqui que a cidade deixa de ser símbolo e se torna lugar. O pertencimento não é espontâneo, ele é construído pela repetição das experiências: o caminho a pé, a criança que cresce ali, o comércio do dia a dia. Isso cria memória e identidade”, diz.

Entre a 312 Norte e a 308 Sul, Brasília se revela em duas dimensões que se completam. De um lado, a cidade vívida, feita de histórias, encontros e afetos. Do outro, a cidade pensada, desenhada com rigor, intenção e sonho.



Aponte a câmera do celular para assistir ao vídeo

Meu encontro com Brasília

» MARIA LÚCIA VERDI

Dos pampas ao Cerrado

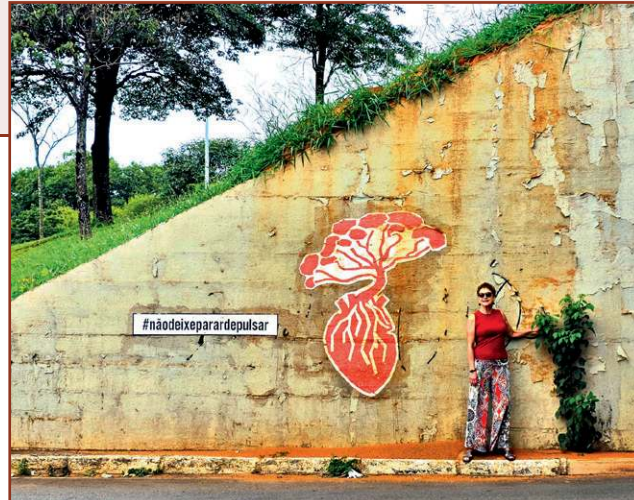
Saí de um Porto Alegre, de uma pequena rua sem saída chamada Nossa Senhora Medianeira. Nela viviam meus avós paternos, e avó materna, tias, tios; primas e primos. Eu visitava todos os vizinhos, especialmente os idosos, pois adorava ouvir histórias e ver fotografias. Estudava numa escola só de meninas, criada por freiras agostinianas. Estava namorando o irmão de minha melhor amiga, apaixonada pela sua irreverência típica da geração 70, quando meu pai trouxe a notícia de que nos transferiríamos para Brasília no meio do ano.

Brasília, em 1971, foi um susto. Espaços abertos numa dimensão pampeana, mas não havia coxilhas, a terra era vermelha, o céu era quase amedrontador e eu não

podia esconder minha melancolia. Tudo estava sendo construído, a sensação era de uma exposição contínua, uma impossibilidade de demarcar território, restringir o olhar, aconchegar-se.

Comecei a estudar no Pré-universitário, colégio misto, avançado, adolescentes de todo o Brasil desfilarão à minha frente. Sentia falta das professoras de literatura, filosofia, sociologia e história; desorientada, me enturmei com pessoas que me fizeram sofrer. Foi quando conheci, na quadra, gente especial, amigos até hoje, que me apresentaram os poucos, mas estimulantes, espaços culturais da cidade. Tudo mudou graças às artes! Em 1974, ao entrar para a UnB conheci o grupo do Geraldo Moraes e participei da primeira peça montada nos tempos áridos da ditadura; com Maria Coeli e outros, recitávamos poemas e cantávamos músicas, pacíficos atos de resistência. Fui aluna de Cyro dos Anjos, Cassiano Nunes, Domingos Carvalho e

Leticia Verdi/Divulgação



Silva, Oswaldino Marques, Antônio Salles e outros. Cassiano estava na minha banca de mestrado, com dissertação sobre Samuel Rawet, renovador do conto brasileiro e instigante prosador; Oswaldino Marques prefaciou meu livro *Falas*, editado pela saudosa Bric-à-Brac. Pesquisando nas Obras Raras da biblioteca da UnB encontrei poema erótico de Manuel Bandeira, o

grande e senzala, aprender a dominar códigos complexos. Desafio atrás de desafio, cheguei a dirigir o Centro de Estudos Brasileiros da embaixada em Roma e chefiar o Setor Cultural da embaixada em Pequim, experiências transformadoras.

Brasília foi a minha iniciação na vida adulta, aqui tive meus filhos Leticia e Marcus. A cidade natal ficou na memória dos

que veio a ser um acontecimento literário nacional.

Ao entrar para o Itamaraty minha vida mudou, precisei usar vestidos, saias, pois mulheres não podiam usar calças em 1975. Precisei, para sobreviver num espaço que é a reprodução da casa

afetos, me sinto brasiliense; os espaços, o céu, o jardim no qual se transformou a cidade, passaram a me acolher, a me acompanhar neste belo bioma do Cerrado. Visito as grandes metrópoles, com suas selvas de pedra e suas ofertas culturais tentadoras, sem me identificar com o ritmo, a poluição, o barulho, a quantidade de gente, a falta de abertura acima da minha cabeça, que dela necessita.

Como tantos da minha geração, participei dos concertos Cabeças (salve, Neio Lúcio!), escrutinei o céu em busca de ovnis, curti as Cavalhadas de Pirenópolis, me deslumbrei com a Chapada — tudo isso é parte do viver na capital. Não canso de observar, por onde caminho, as árvores, as plantas e flores, as aves, os poemas e desabafos espalhados pelas passagens de pedestres e pelos eixinhos. Espero, torço, que Brasília resista às elites dirigentes, o Brasil merece.

Maria Lúcia Verdi é poeta